

“EU NÃO SUPORTO ISSO: MULHER COM MULHER E HOMEM COM HOMEM”: analisando as narrativas de adolescentes sobre homofobia

**Deise Azevedo Longaray
Paula Regina Costa Ribeiro
Fabiane Ferreira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande**

Resumo

No presente artigo problematizamos a homossexualidade e a homofobia como construções sociais, culturais e históricas implicadas em sistemas de significação e relações de poder/saber. A escola é uma das instituições que (re)produz tais discursos, por exemplo, através do silenciamento no currículo sobre as questões de homofobia, de diversidade sexual e de gênero, contribuindo para a afirmação da heterossexualidade como a única forma de viver os prazeres e desejos. Neste sentido, analisamos as narrativas produzidas por adolescentes sobre homofobia, buscando compreender em que medida esses adolescentes vão sendo interpelados pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero. Enfatizamos a importância de discutir tais questões no âmbito escolar, uma vez que essa instância contribui na formação dos sujeitos e de suas identidades. Utilizamos, como estratégias metodológicas para a produção das narrativas, o preenchimento de um questionário e a constituição de grupos focais. Ao analisar as narrativas, evidenciamos que os/as adolescentes participantes da pesquisa entendem a homofobia como uma maneira excludente de agir, na sociedade, na família e também na escola, local que, segundo eles/as, é propício para discutir essas questões.

Palavras-Chave: diversidade sexual, homofobia, escola.

"I CAN'T STAND IT, WOMEN WITH WOMEN AND MEN WITH MEN: ANALYZING ADOLESCENTS NARRATIVES ON HOMOPHOBIA

Abstract

In this paper, homosexuality and homophobia are problematized as social, cultural and historical constructions, which are implicated in systems of meaning and relations of power/knowledge. The school is an institution (re)producing such discourses, for example, by silencing the curriculum on issues of homophobia, sexual diversity and gender, thus contributing to the affirmation of heterosexuality as the only way to experience pleasures and desires. Therefore, narratives produced by teenagers about homophobia are analyzed in order to understand the extent to which adolescents are being challenged by the discourse on sexual diversity and gender. The importance of discussing such issues within the school is focused by taking into account that such body contributes to the formation of the subjects and their identities. For the production of narratives, the methodological strategies of filling out a questionnaire and establishing focus groups were used. By analyzing the narratives, the adolescents participating in the research were shown to have an understanding of homophobia as an exclusive way to act in society, the family and also the school as sites they said to be ripe to discuss these issues.

Keywords: sexual diversity, homophobia, school.

Introdução

Neste artigo, buscamos problematizar a homofobia como uma construção social, cultural e histórica, implicada em sistemas de significação e relações de poder/saber¹. Para tanto, analisamos as narrativas sobre homofobia, produzidas por adolescentes, buscando compreender em que medida esses adolescentes vão sendo interpelados pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero, enfatizando a importância dessa discussão no espaço escolar². Na perspectiva de discutir e problematizar como esses discursos constituem tais sujeitos, ensinando valores, crenças, hábitos, maneiras de ser e agir como homens ou mulheres, e de pensar e atuar com relação à sexualidade, estabelecemos conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas³, bem como com algumas proposições de Michel Foucault.

Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção, que estuda os aspectos culturais da sociedade (COSTA, 2004; VEIGA-NETO, 2004). Neste sentido, a cultura pode ser entendida como “a produção e o intercâmbio de significados – o ‘dar e o receber de significados’ – entre os membros de uma sociedade (HALL, 1997, p.2). Para Silva, a cultura é “um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (2004, p.133-134). Cabe salientar que a cultura está imbricada com relações de poder, e é através dessas relações de poder que os significados do que culturalmente é relevante para cada grupo social são construídos (COSTA, 2004). Neste sentido, “a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder” (*Ibid.* p.40).

A partir desses pressupostos, entendemos que é na cultura e pela cultura que a sexualidade é significada. Entendemos a sexualidade como uma construção histórica, social e cultural, que se constitui na correlação de elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação, na religião, entre outros, através de estratégias de poder/saber sobre os sexos.

Segundo Foucault (1988), a sexualidade é um dispositivo histórico em forma de rede, “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (p.116-117). Por este viés, a sexualidade é, portanto, uma invenção produzida por meio de múltiplos discursos e práticas sociais que regulam, instauram e normatizam os sujeitos e, muitas vezes, afirmam uma única e legítima forma de viver a sexualidade, ou seja, a heterossexualidade (LOURO, 2000). Deste modo, ao longo deste texto, discutiremos a heterossexualidade, a homossexualidade, bem como a homofobia como uma construção que se estabelece através da cultura, da sociedade e da história.

Para tanto, organizamos a escrita deste artigo em quatro momentos. Inicialmente, apresentaremos um breve histórico da homossexualidade, buscando enfatizar discursos e práticas sociais e culturais implicados na invenção do sujeito homossexual. Cabe destacar que, ao proceder de tal forma, não pretendemos apresentar a história de forma linear, mas buscamos tecer um breve histórico, que mostra o

movimento de transição da prática da sodomia para a homossexualidade, evidenciando as condições de possibilidades na história, que apresentam a homossexualidade como uma invenção. No segundo momento, discutiremos como os sujeitos vão se constituindo a partir de determinados discursos, que posicionam a homossexualidade como identidade anormal, articulando tal discussão com a construção da homofobia. Logo após, apresentaremos as estratégias metodológicas utilizadas na produção dos dados narrativos. E, por fim, apresentaremos e analisaremos as narrativas produzidas pelos adolescentes participantes da pesquisa sobre a homofobia, problematizando a importância de discutir a diversidade sexual e de gênero nas práticas escolares.

Da prática da sodomia à homossexualidade: um breve histórico

Durante a Idade Média, a relação entre pessoas do mesmo sexo era caracterizada como *sodomia*. Ela ocorria entre um homem adulto ativo e um rapaz, então, passivo⁴. Porém, se o garoto futuramente ocupasse a posição de ativo em uma relação com outro homem, não sofreria perda de *status* ou virilidade, pois era justamente a posição ativa na relação que demonstrava virilidade (WEEKS, 2007). Porém, se na vida adulta, durante uma relação com outro homem, ocupasse a posição de passividade, ele era estigmatizado e, conseqüentemente, maltratado (Ibid., 2007).

Portanto, todas as práticas sexuais que não objetivassem a procriação eram consideradas pecaminosas. Nesse sentido, tais práticas carregavam consigo a característica perversa, de ato interdito, ou seja, eram consideradas como uma forma “estranha” de viver os prazeres sexuais. Foucault, em *História da Sexualidade: a vontade de saber*, relata que

até o final do séc. XVIII, três grandes códigos explícitos - além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião - regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito [...], esses diferentes códigos não faziam distinção entre as infrações e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca [...] as proibições relativas ao sexo era, fundamentalmente, de natureza jurídica (1988, p. 44).

A partir disto, é possível perceber a transição da prática da sodomia para a homossexualidade, a qual deixa de ser vista como pecado, tornando-se objetivada por diversos campos de saberes. Foucault também afirma que

a sodomia - a dos antigos direitos civil ou canônico - era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma

infância, um caráter, uma forma de vida, também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade (1988, p. 50).

O termo que designa tal personagem – *homossexual* – foi usado publicamente pela primeira vez no ano de 1869, pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karl Maria Kertbeny (KATZ, 1996), com o intuito de substituir o termo *sodomita* que, até então, era usado (SILVA, 2005). Em 1870, com o artigo de Westphal, intitulado “As sanções Sexuais Contrárias”, constitui-se, então, a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade, quando essa foi caracterizada como uma maneira de inversão entre o masculino e o feminino (FOUCAULT, 1988). A homossexualidade aparece quando ocorre uma transferência de sua categorização como “prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Ibid., 1988, p. 51). Nesse sentido, “o homossexual passou a ser visto como uma verdadeira ‘espécie’ desviada e passível, portanto, de controle médico-legal” (MISKOLCI, 2007, s/p). Em 1871, o código penal alemão em seu parágrafo 175, alegava que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como delito (Ibid., 2007). Para exemplificar, destacamos o caso do escrito Oscar Wilde que, na Inglaterra, em 1895, foi condenado a dois anos de trabalho forçado devido ao envolvimento sexual com o filho de um aristocrata (FRY e MACRAE, 1991). Na época, o juiz considerou tal relação um crime pior que o estupro e o assassinato. Atualmente, certos países islâmicos (Nigéria, Afeganistão, Irã, entre outros) ainda punem a homossexualidade com a pena de morte, através de apedrejamento, enforcamento, decapitação, etc.

Com o desenvolvimento da psiquiatria, as relações homossexuais começam a ser “classificadas” não mais como crime e sim como doença, “o que está na base da homossexualidade considerada doença é o patamar de normalidade conferido às relações sexuais e afetivas entre pessoas de sexos opostos” (SILVA, 2005, p. 12). Nesse sentido, a partir do momento em que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo tornam-se objeto do saber médico, institui-se ao homossexual a categoria de anormal (SILVA, 2008), ou seja, a heterossexualidade é tida como a norma⁵, a referência. Desse modo, surge uma “figura”, um “personagem” da sexualidade anormal (FOUCAULT, 1988). A partir desse processo de construção do sujeito anormal e de afirmação da norma heterossexual, o homossexual, como desviante da norma, precisaria receber tratamentos para curar-se de tal patologia. Vale destacar que tais tratamentos, nessa época, “eram geralmente pensados em termos de incentivo ao padrão ‘normal’ e de desprestígio do que era ‘anormal’” (SILVA, 2005, p.10). De acordo com Spargo (2004), “o homossexual ingressou na patologia como uma classe perversa ou anômala [...], uma aberração da norma heterossexual. Em sua condição de tal, estava submetido aos efeitos do controle social que o disciplinavam, marginalizavam e subordinavam” (p.31).

Segundo Foucault (1988),

o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade [...] permitiu certamente, uma avanço de “perversidade”;

mas também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (p.112).

Nessa direção, é válido destacar que a relação entre pessoas do mesmo sexo era nomeada como “homossexualismo para caracterizar um comportamento ‘desviante’ entre pessoas do mesmo sexo” (FURLANI, 2003, p.153). O sufixo “ismo” refere-se à anormalidade, algo patológico, porém com a (re)significação que passou no século XX, ou seja, a partir da década de 80, o termo homossexualidade passou a ser usado, levando em consideração o sufixo “dade” do latim, que significa “qualidade de”, referindo-se a uma entre as múltiplas possibilidades das pessoas viverem a sexualidade e seus prazeres (FURLANI, 2003). Em 1973, a Sociedade Americana de Psiquiatria resolveu riscar a homossexualidade da lista oficial das doenças psiquiátricas, embora ainda há aqueles que caracterizam a homossexualidade como uma doença. Na mesma época, foi retirada do Código Internacional de Doenças (CID), pois até então a homossexualidade era considerada como uma doença psíquica. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS), retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, no dia 17 de Maio de 1990⁶.

Após o surgimento público do termo homossexual, em 1969 ocorre o incidente de Stonewall, que faz referência a quatro dias de motins homossexuais, que ocorreram em Greenwich Village (Nova York) em um bar, o Stonewall. Como resposta a uma briga policial de rotina, os homossexuais reagem à polícia e então marca-se um movimento de liberação sexual conhecido como a Rebelião de Stonewall. Fernandes (2007), ao se referir a esse acontecimento, destaca os efeitos desse movimento, uma vez que “vem funcionando como um marcador histórico para as identidades ativistas no movimento homossexual, uma vez que é constantemente evocada como marco inicial de uma nova identidade homossexual: a identidade ativista homossexual” (p.46).

Contudo, foi a partir da década de 1970, com a liberação do movimento homossexual, que ocorreu a substituição da terminologia homossexual pelo termo *gay*, “que sugere colorido, abertura e legitimidade” (DIAS, 2000, p. 28). De acordo com Miskolci (2007),

a denominação "homossexual" foi colocada em xeque e, desde então, compete com outras, menos estigmatizadas e politicamente mais engajadas. A despatologização e descriminalização se deram associadas a um processo de politização da identidade, a qual passou a ser denominada predominantemente de *gay*.

Nessa direção, os/as homossexuais adquirem uma imagem diferente da apresentada até então, estabelecendo uma nova forma de viver os desejos e prazeres, passando de uma história da homossexualidade para outra, ou seja, passa-se de vidas amorosas secretas do passado para uma homossexualidade “desvelada” do presente (KATZ, 1996; SPARGO, 2004). Desse modo, os indivíduos reconhecem-se cada vez mais como *gays* e lésbicas, assumindo a sua identidade homossexual. Nesse sentido, a “visibilidade”

homossexual, o fato do sujeito homossexual reconhecer-se, de compreender-se como tal, de posicionar-se, leva tais sujeitos a constituir sua própria identidade, posicionando-se como sujeitos homossexuais.

Identidade e diferença: a homofobia no contexto social

A partir das contribuições teóricas dos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista, a identidade é entendida como um conceito complexo, compreendida como uma construção histórica, social e cultural. Nessa perspectiva, a identidade não é fixa, pronta e acabada, os sujeitos não possuem uma única identidade, somos sujeitos de diversas identidades (WOODWARD, 2000). Nesse sentido, os sujeitos são interpelados por múltiplas identidades, de gênero, de classe, de raça, sexual, geracional, entre outras e essas se inter-relacionam posicionando-os nos diversos contextos sócio-culturais. Assim “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (SILVA, 2000, p. 96-97).

Nossa identidade é construída e imposta dentro do contexto social no qual estamos inseridos, somos constituídos por uma série de discursos que ao, serem significados e representados⁷, cercam e determinam nossa identidade. Desse modo, estabelece-se um processo de reconhecimento de identidade, através das múltiplas posições de sujeito que podemos ocupar (WOODWARD, 2000).

É pertinente diferenciarmos aqui as identidades de gênero das identidades sexuais, devido à centralidade que tais concepções assumem neste estudo. De acordo com Louro (2007), as identidades de gênero são construções sociais e históricas, feitas em relação às características biológicas, ou seja, os significados sociais atribuídos às masculinidades e às feminilidades. Já as identidades sexuais também são construções sociais, porém referem-se às diferentes formas de experimentar os prazeres e os desejos corporais, que podem ser tanto com parceiros do sexo oposto (heterossexuais), quanto com parceiros do mesmo sexo (homossexuais), ou até mesmo de ambos os sexos (bissexuais).

As identidades sexuais e de gênero são “compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2007, p. 11). Por esse viés, ao assumir sua identidade sexual perante a sociedade, os sujeitos ficam expostos às diversas atribuições feitas, quando não “enquadrados”, no modelo heteronormativo imposto socialmente. Nesse sentido, “diferente” é uma das definições que os sujeitos que se assumem não heterossexuais recebem; portanto “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade” (WOODWARD, 2000, p.39).

Destacamos que há uma estreita relação entre identidade e diferença. Ambas são produções sociais e culturais, ou seja, tanto a identidade quanto a diferença são fabricadas por nós, mas “elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81). No entanto, uma depende da outra, no sentido de que, para afirmar o outro como diferente, precisa-se de

uma referência.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir [...]. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (Ibid. p. 82)

Nesse viés, a heterossexualidade é, em muitos espaços, concebida como a norma, ou seja, aquele que não é heterossexual é o diferente, é tido como o outro. A diferença, então, é marcada em relação à identidade (WOODWARD, 2000). Louro destaca que

[...] a diferença se constitui, sempre, numa relação. Ela deixa de ser compreendida como um dado e passa a ser vista como uma atribuição que é feita a partir de um determinado lugar. Quem é representado como diferente, por outro lado, torna-se indispensável para a definição e para a contínua afirmação da identidade central, já que serve para indicar o que esta identidade não é ou não pode ser (2003, p.47-48).

É preciso que haja uma referência para se identificar o outro, ou seja, a heterossexualidade, para se reafirmar, depende da homossexualidade. Ela só é tida como referência, porque existe a homossexualidade, a bissexualidade, a transgeneridade. Dessa forma, o sujeito heterossexual só pode dizer-se heterossexual no momento em que se afirma como não homossexual (LOURO, 2009). É nesse sentido que se faz necessária a problematização do outro, da diferença dentro da escola, uma vez que essa instituição trabalha na produção dos corpos e das identidades. Para Silva (2000, p.97)

é um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência [...] o outro é o outro gênero, o outro é a outra cor, o outro é a raça, o outro é outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Partindo dessas considerações, discutir as identidades sexuais e de gênero no âmbito escolar é uma forma de desestabilizar as “verdades” construídas sobre a sexualidade, possibilitando problematizarmos as múltiplas formas de viver os prazeres e desejos corporais. Vale ressaltar que o encontro com o outro, o/a homossexual, o/a

bissexual, o/a transgênero é inevitável, uma vez que nossas escolas são plurais. Nelas nos deparamos com sujeitos diferentes, que muitas vezes não se enquadram na identidade sexual tida como normal, sendo discriminados, (re)produzindo a homofobia no contexto escolar.

A produção da identidade e a marcação da diferença produzem a homofobia no contexto social, quando institui ao/a homossexual, ao/a bissexual e ao/a transgênero a característica de desviante, de diferente, de anormal. E é nesse sentido que a homofobia exclui, demarcando “quem pertence” e “quem não pertence” à norma social.

Ao entendermos que a homofobia é uma invenção social, apresentaremos como esse termo vem sendo construído e (re)significado por alguns autores. Para Junqueira (2007), o termo homofobia foi cunhado em 1972, por um psicólogo clínico chamado George Weinberg, para definir sentimentos negativos em relação à homossexualidade e, “embora venha sendo paulatinamente ressignificado, o termo possui ainda fortes traços do discurso clínico e medicalizante que lhe deu origem” (Ibid., p. 3-4). A homofobia, portanto, é uma construção, que se faz a partir dos múltiplos discursos produzidos pela sociedade em geral, ela

diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (JUNQUEIRA, 2007, p. 9).

A construção social dos discursos que defendem e afirmam a heterossexualidade como a identidade sexual normal sustenta e reforça a homofobia, que tem como propósito a exclusão daqueles que não correspondem ao padrão sexual imposto pela sociedade em geral. De acordo com Lanaspa e Galán (2005), homofobia é “aversão, rejeição ou temor, que pode chegar ao patológico, a *gays* e lésbicas, à homossexualidade ou a suas manifestações. A homofobia está relacionada com a rejeição geral que se tem aos grupos minoritários” (p. 13).

Segundo Rios, homofobia “é a modalidade de preconceito e de discriminação direcionada contra homossexuais” (p. 45). De acordo com Borrillo, “a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em assinalar o outro como contrário, inferior ou anormal” (2001, p.13, tradução nossa). Sendo assim, homofobia refere-se a toda e qualquer atitude “agressiva”, que demonstre ódio, repulsa, aversão, que ocasiona exclusão aos sujeitos que não condizem com o modelo heteronormativo de sexualidade.

A partir de tais entendimentos, utilizaremos o termo homofobia para designar todo tipo de aversão e ódio, atribuído aos homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. Além disso, muitas são as práticas homofóbicas, não envolvendo somente a violência física, pois a violência verbal também é uma forma de discriminar aqueles que não correspondem à aceitação social.

A fim de conhecer e problematizar a rede de discursos⁸ de alguns adolescentes acerca da homofobia, da diversidade sexual e de gênero, utilizamos duas estratégias

metodológicas: a utilização de questionários e a constituição de grupos focais, as quais serão apresentadas a seguir.

Apresentando as estratégias metodológicas

A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos/as do primeiro ano do Ensino Médio, de oito (8) escolas do município de Rio Grande/RS. Inicialmente, entramos em contato com a direção de algumas escolas, com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa. Além disto, a fim de obedecer às questões éticas, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a direção de cada escola, informando os objetivos e procedimentos adotados ao longo da pesquisa, esclarecendo os compromissos a serem assumidos pela escola e pela pesquisadora. Neste encontro inicial, a direção de cada escola determinou qual a turma participaria da primeira etapa da pesquisa⁹. Participaram desta etapa duzentos e vinte um (221) alunos/as, sendo cento e dezenove (119) participantes do sexo feminino e cento e dois (102) do sexo masculino. A idade dos participantes compreendeu entre treze (13) e dezoito (18) anos¹⁰.

As questões apresentadas no questionário referem-se às atitudes dos/as alunos/as frente à homofobia, à diversidade sexual e de gênero, por exemplo: Como seria a relação de cada um/a deles/as, se tivesse um/a colega homossexual, bissexual, travesti e transexual? O que fariam se um/a professor/a se assumisse diante da turma como homossexual? Como eles/as consideram que são tratados/as na sociedade, na escola, e na família os sujeitos LGBT?¹² E outras.

Durante a aplicação dos questionários, os/as adolescentes foram convidados a participar de um grupo focal, a fim de problematizar as questões presentes nos questionários e conhecer os entendimentos dos participantes sobre a diversidade sexual e de gênero. Segundo Gatti (2005), é uma estratégia que possibilita “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (p. 11). Para tanto, os/as interessados/as preencheram uma ficha contendo seus dados, para que pudéssemos entrar em contato com eles/as, a fim de informá-los quanto aos encontros realizados. Além disto, os/as responsáveis pelos/as adolescentes interessados/as receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando os objetivos do trabalho, horário, local e data dos encontros. Neste sentido, os/as adolescentes participaram do grupo focal com o consentimento dos/as responsáveis.

Devido ao grande número de adolescentes interessados, constituímos três grupos focais, cada um com dois encontros. Os encontros foram realizados na Universidade Federal do Rio Grande, com duração de duas horas cada. Tais encontros foram filmados para posterior transcrição e análise.

Na utilização do grupo focal como estratégia metodológica, o/a moderador/a das discussões, no caso o/a pesquisador/a, exerce um papel fundamental. É ele/a que direciona as discussões, estabelece um “limite”, permitindo que a produção dos dados

durante o encontro esteja de acordo com a proposta da pesquisa, fazendo emergir, com frequência, as questões que mais lhe interessam.

Segundo Gondim (2003), é relevante que o/a moderador/a tenha em mãos um roteiro a ser seguido. O mesmo deve ser flexível para, desta forma, facilitar a interação do/a moderador/a com o grupo. Nesta pesquisa, o questionário respondido pelo/as adolescentes, durante a primeira etapa foi o roteiro utilizado para desencadear as discussões, uma vez que, ao longo do grupo focal, resgatávamos algumas questões presentes no questionário.

A seguir, serão apresentadas e analisadas algumas narrativas produzidas durante o grupo focal, bem como alguns dados produzidos a partir dos questionários.

Homofobia no contexto social: analisando as narrativas dos adolescentes

A homofobia manifesta-se de diversas maneiras e em todos os espaços, desde um “simples” deboche até uma manifestação mais agressiva, ou seja, ela não se expressa somente através da violência física por parte de pessoas que não aceitam dividir o mesmo espaço com sujeitos LGBT.

Entendendo que a homofobia tem suas diversas implicações e que ela age e se articula de múltiplas maneiras, foi possível perceber, nos dados produzidos pelos adolescentes, a emergência de alguns discursos sobre a homofobia.

Quanto aos modos de articulação da homofobia: quais são eles?

Gestos, atitudes e palavras, muitas vezes considerados banais; a omissão e o silenciamento das questões sobre as identidades sexuais e de gênero também são formas de violência que podem (re)produzir e reforçar a homofobia. De acordo com Borrillo (2001), a articulação da homofobia dá-se através de diversas maneiras, “ao redor de emoções (crenças, prejuízos, convicções, fantasmas...), de condutas (atos, práticas, procedimentos, leis...) e de um dispositivo ideológico (teorias, mitos, doutrinas, argumentos de autoridade...)” (p. 37).

A partir dessa discussão que Borrillo apresenta, analisamos os dados produzidos através dos questionários, destacando que, dos duzentos e vinte e um (221) adolescentes que participaram da pesquisa respondendo aos questionários, cento e setenta e três (173) adolescentes dizem que já presenciaram ou escutaram alguém insultando um/a homossexual, chamando-os/as de bichinha, machorra, sapatão, mariquinha, enfim todos os apelidos atribuídos aos homossexuais. Dessa forma, a homofobia aí articula-se através de condutas.

Nesta direção, cento e trinta e oito (138) adolescentes já ouviram alguém falar mal, fazer comentários negativos a respeito da identidade sexual homossexual e cento e vinte e três (123) já escutaram ou presenciaram alguma cena em que debochavam, imitavam, faziam gestos maldosos, com o intuito de ofender o/a homossexual. Além disso, noventa (90) adolescentes responderam que presenciaram alguma cena em que alguém

já isolou, não deixou participar de algo, ignorou ou até mesmo deixou de falar com um/a homossexual, setenta e um (71) já presenciaram homossexuais sendo ameaçados, sessenta e três (63) presenciaram alguém atirando coisas, empurrando, agredindo fisicamente um/a homossexual e cinquenta e oito (58) já presenciaram homossexuais sendo espancados.

Quanto à homofobia interiorizada¹²: permanecer ou “sair do armário”?¹³

Segundo algumas adolescentes, uma das formas de se combater a homofobia é a pessoa homossexual, bissexual, transgênero, assumir sua identidade sexual e/ou de gênero. Ao longo de um dos grupos focais, quando problematizávamos a questão do combate à homofobia, uma das adolescentes mencionou que se assumir como homossexual na sociedade poderia ser uma forma de combater a homofobia. Como podemos verificar nas falas a seguir:

Bia¹⁴: *A melhor maneira de vencer essa homofobia é ele refletindo, ele pensando, ele entender que é essa a melhor maneira, que ele só vai sofrer, se ele continuar tendo esse medo de se assumir.*

Pesquisadora: *E tu achas que essa seria uma forma de “combater” a homofobia, se assumindo na sociedade?*

Rafa: *Talvez sim. Ah, não sei. Acho que tinha que se assumir o que é e não dá bola para o que os outros pensam, entendeu? Vê que ele pode vencer mesmo com os preconceitos, se assumir o que ele quer ser.*

Ao analisarmos tais falas, podemos perceber que o reconhecimento da identidade sexual é considerado por algumas adolescentes como uma maneira de acabar com o preconceito social atribuído ao sujeito homossexual. Cabe destacar que “este reconhecimento é inevitável para sua aceitação ou rejeição, restando a ele somente a opção de decidir como apresentar-se publicamente nas situações com as quais invariavelmente virá a se deparar” (SAGGESE, 2008, p. 5).

No entanto, não há garantia de que “assumir-se” perante a sociedade acabará com o preconceito e a exclusão, uma vez que a visibilidade homossexual também é uma forma de “provocação” àqueles que desprezam a homossexualidade, ou seja, para muitos, a visibilidade é uma afronta à heterossexualidade. Neste sentido, o armário é um indicativo de homofobia, constituindo-se em um modo de regular a vida de homossexuais, que estariam presos a essa decisão de revelar-se e reconhecer-se ou permanecer nele (SEDGWICK, 2007).

Dessa forma, segundo as adolescentes, permitir-se e, então, sair do armário, seria uma forma de recuperar a auto-estima, aceitando a própria identidade, independente do que a sociedade menciona quanto a isso (BORRILLO, 2001). No entanto, é difícil reconhecer-se de um modo que foi construído ao longo do tempo como algo anormal, que aprendemos a desprezar, humilhar, excluir.

Para Lanaspá, Galán e Garreta (2006, p.18), “é um processo que se realiza por vontade e iniciativa do adolescente, ainda que podem existir situações que o facilitem ou o precipitem. Não é obrigatório, é um ato opcional, muitos gays, lésbicas e bissexuais viveram e vivem toda sua vida no armário”.

Esta questão ainda pode ser percebida na fala de uma adolescente, que diz que *“homofobia é o medo que os homossexuais têm de se assumir diante da sociedade”*. Instigada a falar um pouco mais sobre sua colocação, a adolescente comenta que é o *“medo que ele tem, assim que, se eu me assumir que eu sou gay, no caso, que eu sou homossexual, eu vou ser rejeitado por todos, ninguém mais vai falar comigo, as minhas amigas vão deixar de ser minhas amigas, eu acho que é isso”* (Júlia).

Ao analisar as narrativas, é possível perceber o entendimento de que pertencer ao espaço público, ou seja, sair do armário, seria uma questão de coragem e disputa de um lugar em uma sociedade heterossexista; no entanto, isso também depende muito das circunstâncias sociais e dos espaços em que vai assumir-se como homossexual, bissexual, transgênero. Dessa forma, ao assumir-se, o sujeito desvia a regra, sai do centro (heterossexualidade); deslocar-se desse meio significa tornar-se excêntrico, constituindo assim outro centro. Nesse viés, além de constituir um novo centro, o sujeito excêntrico extravasa, incita o surgimento de uma identidade problemática, ao passo que a identidade heterossexual é considerada a posição não problemática (LOURO, 2003).

Quanto à homofobia praticada pelos homens: seriam eles os mais homofóbicos na sociedade em geral?

As identidades sexuais e as identidades de gênero estão imbricadas. Elas se constroem na cultura, na sociedade, na história. São, portanto, socialmente estabelecidas e codificadas. Elas constantemente recebem marcas, que se inscrevem nos corpos, demarcando aquilo que compete ao gênero masculino e aquilo que se refere ao gênero feminino (LOURO, 2000). Os marcadores sociais atribuídos ao gênero masculino contribuem para a construção de uma masculinidade dominante, caracterizando, dessa forma, a mulher, como o segundo sexo (LOURO, 2007).

Nesse sentido, a construção social da masculinidade pode ser uma das causas de que a homofobia provenha mais de homens, ou seja, a construção de que o homem é o ser dominante, ter relações com pessoas do mesmo sexo, faria desse homem um ser pertencente à minoria sexual. Ser homem é ser agressivo, é ser dominante e não dominado pela mulher. Neste caso, cabe salientar que ser homem é também não ser dominado por outro homem; ser homem é detestar os homossexuais e mantê-los longe do convívio social. Diante disso, “os processos de constituição de sujeitos e de produção de identidades heterossexuais produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre os meninos e os rapazes” (JUNQUEIRA, 2009, p.19). Para ilustrar tais entendimentos, destacamos a narrativa de uma adolescente que considera os homens mais homofóbicos do que as mulheres, o que podemos perceber no diálogo abaixo:

Duda: *Homofobia é um sentimento de nojo contra os homossexuais. A homofobia está em todo lugar, mas acho que quem pratica mais são os homens.*

Pesquisadora: *Por que tu colocaste que os homens é que praticam mais a homofobia?*

Duda: *Porque eu acho que os homens têm mais, vamos dizer assim, nojo, acho que eles não aceitam muito, sabe. Hoje, até no século XXI, meu pai, ta, teve outra criação, meu avô; mas têm adolescentes aí que, se olhar, aí, um gay, já vão sentar-lhe uma pedrada, sabe. Já vão falar. Eu acho que a mulher, não. Acho que a mulher já é mais sensível. Acho que mulher já aceita mais, por isso.*

Essa narrativa possibilitou-nos pensar que tal fato dá-se porque para ser considerado um homem “de verdade”, ele tem que se distanciar de todo e qualquer aspecto que o associasse às mulheres (WELZER-LANG, 2001) como, por exemplo, assumir a passividade em uma relação com outro homem. Nesse sentido, a marca masculina é a virilidade. É válido destacar que “a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade” (Ibid., p. 465).

Segundo Borrillo (2001), a característica mais evidente de se mostrar homem é ser heterossexual. Desse modo, o homem deve mostrar que não é homossexual, que não deseja outros homens e que também não quer ser desejado. Nessa direção, desprezar a passividade, os gestos femininos é uma maneira de mostrar-se pertencente ao gênero masculino, afastando a possibilidade de suspeita de sua identidade sexual homossexual. Ainda sobre essa questão, Borrillo ressalta que “*a homofobia em particular a homofobia masculina, desempenha a função de ‘polícia da sexualidade’, reprimindo qualquer comportamento, qualquer gesto ou qualquer desejo que desborde as fronteiras <<impermeáveis>> dos sexos*” (2001, p. 95, tradução nossa e grifos do autor).

Nesse sentido, a construção da masculinidade requer a admissão da heterossexualidade como a identidade natural e também exige um estado de vigília para que em nenhum momento haja dúvida quanto à identidade heterossexual (SIERRA, 2002). Desse modo, poderíamos pensar a homofobia “como um requisito e ao mesmo tempo como uma consequência da conformação da masculinidade dominante” (Ibid., p.14).

Ainda sobre esta questão, durante as discussões em um dos grupos focais emergiu a seguinte fala:

Pesquisadora: *O que é homofobia, onde ela está?*

Marcos: *Homofobia: pessoa que não aceita relacionamento amoroso de duas do mesmo sexo. A homofobia se encontra em todos os lugares e países. Li uma reportagem que um homem que, estava no quartel, era companheiro de outro homem do quartel e quando o comandante descobriu, ele tirou o homem e ainda desrespeitou o homem. Pra mim isso é um caso de homofobia.*¹⁵

Esta fala possibilita-nos identificar um outro espaço em que a masculinidade é reforçada por meio de estratégias, que fazem do homem um ser que deve mostrar-se “macho”, rude, grosseiro, viril, frente à sociedade. Assumir-se homossexual no exército é uma maneira de facilitar que lhe atribua alguma atitude homofóbica, tal como a que foi tomada pelo exército.

Outra questão que emergiu nas narrativas, que também pode ser considerada uma das formas de expressão da homofobia, ou seja, tolerar, mas não reconhecer a homossexualidade, a bissexualidade, a transgeneridade como identidades merecedoras dos mesmos direitos que a heterossexualidade, seria uma forma de excluir e, por que não dizer, uma atitude homofóbica. Portanto,

[...] a idéia de tolerância para com os chamados “diferentes” é perigosa e escorregadia, pois quando simplesmente toleramos o outro, exercemos o poder de suportá-los com suas práticas. É como se disséssemos: no fundo, não entendo, não aceito, apenas tolero, permito que o outro seja assim, dessa maneira. Em resumo, a tolerância não significa necessariamente aceitação. Pelo contrário, ela pode disfarçar a não-aceitação, especialmente em tempos de diversidade, quando as pessoas começam a se sentir impelidas a se dar conta do que é e do que não é “politicamente correto” dizer ou fazer (FELIPE e BELLO, 2009, p. 152).

Este entendimento pode ser evidenciado na fala da adolescente a seguir, quando menciona que *“tem muitas pessoas que diz assim: ‘Ah eu não sou preconceituosa’. Aí dobrou lá, um gay lá na esquina, ta, eu não sou preconceituoso, mas vou passar lá pro outro lado da rua. Eu não vou cumprimentar, porque ele é gay. Ele é diferente de mim. Ele nasceu, ele não é gente que nem eu? Ele é normal, e tem muitas pessoas que dizem ‘Ah eu não sou preconceituosa’[...]só da boca pra fora e no fundo são (Júlia)*. Tal entendimento vem ao encontro da questão da tolerância com o outro, uma vez que dizer que “não sou preconceituosa” seria o mesmo que tolerar a homossexualidade, mas ao reagir de forma diferente, como na fala apresentada que mostra que não há aceitação da homossexualidade, é uma forma também de excluir aquele/a, de mantê-lo/a longe de seu convívio social.

Segundo Louro (2003), a tolerância se “liga, contudo, à condescendência, à permissão, à indulgência – atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior” (p.48).

Nesse sentido, o/a heterossexual, ao tolerar um/a homossexual, bissexual e/ou transgênero, assume uma posição de superioridade em relação a essas identidades sexuais e de gênero, reafirmando a heterossexualidade como norma social. Os sujeitos que desviam a tal norma social sofrem preconceitos e discriminações em diferentes instituições tais como na escola, onde ocorre um grande índice de casos homofóbicos, ou seja,

[...] a família, a escola e a igreja são três instituições onde a rejeição à homossexualidade opera como mecanismo com que se difunde a

heterossexualidade e a separação dos gêneros, a socialização nestes âmbitos prentendem a uniformidade e a regularização da conduta sexual (COSME, SÁNCHEZ e TAPIA, 2006, p.44).

Quanto à homofobia na família: há famílias homofóbicas?

Indagados/as a respeito de onde podemos encontrar a homofobia, uma adolescente expressa que a *homofobia está na educação dos familiares*, e complementa: *no caso, na família né, sempre tem preconceito. Aí no caso começa a falar que não gosta, que não quer (Paty).*

No questionário preenchido pelos/as adolescentes havia uma questão referente ao que eles/as pensavam quanto à reação dos familiares: caso soubessem que eram *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e/ou transexuais, sessenta e quatro (64) adolescentes responderam que a família tentaria mudar sua identidade sexual, trinta e três (33) responderam que seriam rejeitados totalmente e onze (11) acham que seriam espancados. Além desses dados, cento e quarenta e cinco (145) adolescentes consideram que *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais são tratados de forma injusta pela família.

Nessa direção, apresentamos o diálogo abaixo, que ilustra o entendimento de que a família, em muitos casos é homofóbica:

Pesquisadora: *E vocês acham que a família de vocês é preconceituosa?*

Marina: *A minha mãe é contra as minhas amizades com pessoas homossexuais.*

Pesquisadora: *E ela te diz por quê?*

Marina: *Ela diz que tem nojo. A minha mãe vive falando que se eu andar com uma lésbica ou gay vão ficar falando de mim. Eu tenho um amigo gay, que eu saía com ele e minha mãe enchia meus ouvidos por causa disso.*

Pesquisadora: *E a tua família, Rita?*

Rita: *Ela aceita, mas não apóia. São palavras diferentes, entendeste? Mas é isso, fazer o quê, né. O que a gente pode fazer?*

A fala da Rita, que diz que sua família aceita, mas não apóia, levou-nos a pensar que isso está relacionado ao fato de que muitas famílias preferem ignorar a homossexualidade de seus/as filhos/as, como uma forma de evitar que o preconceito social atinja-os, não precisando confrontar-se com os problemas que o assunto acarreta (CECHIN, 2006).

Cabe destacar que, dentre os duzentos e vinte e um (221) adolescentes, que participaram da pesquisa através do preenchimento do questionário, cento e oitenta e nove (189) responderam que os *gays*, as lésbicas, os/as bissexuais, travestis e transexuais são tratados pela sociedade de forma injusta, ou seja, não são tratados de forma respeitável.

De acordo com alguns/as adolescentes, há certa dificuldade em manter um diálogo com a família, para tentar expor seus sentimentos e assumir sua identidade. Isso é possível perceber na narrativa a seguir:

Pesquisadora: *Rita, e como é a relação da família com as tuas amigas, pois disseste que tem várias amigas lésbicas?*

Rita: *Uma, ela tava contando pra mãe dela, mas a mãe dela não aceitou. Tem outras que elas não contaram, porque já sabem como elas são e elas não querem contar por causa do medo, que ela vai falar, né. A minha mãe falou que tem medo do que as pessoas vão pensar. Eu acho que ela tem que ir por mim e não pelas pessoas. Ela tem que aceitar o que eu sou. Eu falo isso pra ela. Acho que isso não é uma vergonha.*

Outros/as afirmam que seria muito complicado o diálogo com suas famílias, pois relatam que algumas pessoas de suas famílias são preconceituosas, o que dificultaria muito a relação, caso houvesse alguma pessoa homossexual em casa, como podemos verificar nas seguintes falas:

Duda: *O meu pai já é preconceituoso. A minha mãe não. Mas o meu pai acho que sim [...] Eu acho que ele tem preconceito mais com o lado masculino, sabe. Aí eu digo: _ Ah, pai, nada a ver, é uma opção. É uma pessoa como nós, só muda a opção sexual. E ele, assim: _ Ah, mas é uma coisa nojenta.*

Flávia: *Na minha família, acho que a minha mãe é mais por causa da minha irmã, porque a minha irmã dizia que gostava de mulher; mas ela é casada, tem marido e tudo. Mas no começo, quando ela tinha 15 anos mais ou menos, ela dizia que gostava de mulher e que ainda iria se envolver com uma mulher. Mas hoje ela tem marido e tudo. Mas minha mãe disse que não aceitaria uma filha lésbica.*

Duda: *Meu pai não aceitaria um filho gay, nem uma filha lésbica.*

Flávia: *Mas, com as pessoas, com a sociedade, minha mãe não tem preconceito. Mas ela disse que uma filha dela ela, não aceitaria.*

Júlia: *Ah, o meu pai é. A gente tava vendo televisão, né, faz, acho que uma semana isso e lá em casa são três meninas, né. São só mulheres. Aí apareceu, assim, um guri falando, né, que era gay. E meu pai disse: _ Foi por isso mesmo que Deus não me deu filho homem! E eu disse pra mãe: - _ Tá aí o preconceito! E ele assim: _ É, foi por esse motivo mesmo que Deus não me deu um filho homem, porque eu não ia aceitar uma coisa dessas.*

Lúcia: *Depende da família. Depende como a família vai aceitar. Tem famílias, por exemplo, que não têm diálogo com o filho. Então têm algumas famílias que, por ter esse diálogo, não vão aceitar quando a filha for falar, ou o filho. Então eu acho que tem que ter diálogo mais aberto com o filho e saber qual a atitude do filho e a posição dele.*

Desse modo, a família, ao apresentar atitudes homofóbicas, faz com que sujeitos LGBT “fujam” da sua realidade e refugiem-se no silêncio e enclausuramento de sua

identidade sexual e de gênero. Cabe destacar que “muitas famílias vivem numa grande desinformação com respeito ao que supõe à realidade homossexual ou transsexual, o qual provoca com certa frequência a existência de situações de negação e rejeição” (LANASPA, GALÁN e GARRETA, 2006, p.33). Segundo Alípio de Souza Filho (2007), “a apreensão e a recusa se baseiam em que filhos *gays*, lésbicas, travestis etc não cumpram as expectativas ou convenções morais e sociais” (p. 27), ou seja, a idéia de que os filhos e filhas devem dar a continuidade à família e que essa deve seguir o modelo padrão imposto pela sociedade, afirma o preconceito por parte da família de sujeitos LGBT que devido, a essa imposição, acabam sendo controlados. Louro (2000) ressalta que

a escola, juntamente com a família, organiza-se de forma a “garantir” a formação de indivíduos heterossexuais. Também aqui é possível, identificar algumas reformas no discurso normalizador: o discurso religioso do pecado pode ter sido substituído pelo discurso médico ou psicológico da doença ou desordem; de qualquer modo, permanece a convicção de que é preciso reconduzir, curar ou reorientar esses sujeitos (p.50).

Nesta perspectiva, há uma preocupação em manter o discurso da heterossexualidade como a identidade natural, normal, ao passo que as tentativas de tratamentos, orientação e cura para a homossexualidade são inúmeras e, por vezes, ainda praticáveis. Porém, além da família, a escola tem se tornado uma instância onde o diálogo, a discussão sobre a temática da diversidade sexual e de gênero, bem como a discussão sobre a homofobia na escola é quase que extinta, o que contribui para a afirmação da escola como instituição também homofóbica.

Quanto à homofobia na escola: seria essa uma instituição homofóbica?

A escola, para muitos, é local de alegria, de aprendizagens, de conhecimento, de interação, mas, para algumas pessoas, é local de recusa, de exclusão, de rejeição, de tristeza, porque nela muitas identidades são marginalizadas, reprimidas e ignoradas. A homofobia na escola encontra-se em todos os lugares: na hora da chamada, nas paredes dos banheiros, nos livros didáticos, nas piadas dos/as colegas e professores/as, no acesso ao banheiro, em todos os cantos da escola, causando discriminação, exclusão, intimidação e humilhação (JUNQUEIRA, 2008).

A partir deste entendimento, analisamos as narrativas a seguir, verificando que os/as adolescentes participantes da pesquisa consideram a escola como um dos locais onde mais se exercem atitudes homofóbicas, o que fortalece a idéia de que analisar, problematizar, discutir a homofobia no âmbito escolar é tarefa que necessita de urgência:

Pesquisadora: *Onde vocês acham que se encontram mais casos de homofobia?*

Duda: *Ai, acho que na escola, porque a gente convive mais. Escola, trabalho, essas coisas assim, mais em grupo.*

Sabrina: *Acho que no colégio.*

O entendimento de que a escola é tida como uma das instâncias mais homofóbicas é reforçado a partir de dados produzidos nos questionários, onde cento e sessenta e três (163) adolescentes, dentre o total de participantes que preencheram os questionários, consideram que sujeitos LGBT são tratados de maneira injusta na escola, ou seja, de forma não favorável, não respeitosa.

As escolas têm a preocupação de vigiar, controlar, disciplinar e normalizar os sujeitos que nelas convivem. Dessa forma, aqueles/as que escapam da norma têm duas “saídas”: ou vivem enrustidos em um espaço só seu, assumindo uma identidade que não lhes pertence, ou seja, vivem no armário para que não sejam descobertos e assim atingidos de alguma forma; ou assumem a sua identidade sexual e de gênero, rompendo com as barreiras da imposição da sociedade, ultrapassando a fronteira da normalidade.

No entanto, silenciar não é uma forma de impedir o surgimento da pluralidade sexual. Não problematizar as identidades sexuais e de gênero na escola, não significa que elas deixarão de existir, pois é inevitável nos depararmos com os tais outros no convívio escolar. Portanto, trazer as discussões acerca desta temática para o currículo escolar talvez fosse uma forma de minimizar a homofobia, rompendo com estereótipos atribuídos aos estudantes que se desviam da norma.

Diante disto, podemos notar que tais questões sobre a homofobia, diversidade sexual e de gênero precisam ser discutidas no espaço escolar, pois é “através desse processo de contestação que as identidades hegemônicas constituídas pelos regimes atuais de representação podem ser desestabilizadas e implodidas” (SILVA, 1995, p. 201). No entanto, “sabemos que não é possível transformar a sociedade somente a partir da escola ou eliminar dela todas as relações desiguais de poder” (JUNQUEIRA, 2007, p.10).

De acordo com os dados produzidos a partir dos questionários, os/as professores homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais são mais respeitados do que estudantes LGBT. Segundo os/as adolescentes que responderam ao questionário, se um/a professor/a dissesse que é homossexual, sua identidade sexual não importaria, porém, o importante é que seja um/a bom/a professor/a. Assim, cento e noventa e sete (197) adolescentes dos duzentos e vinte e um (221) marcaram essa alternativa. Apenas doze (12) responderam que seria um motivo para debochar dele/a. Cinco (5) marcaram a alternativa que diz que os gays, as lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais não devem ser professores. E quatro (4) estudantes responderam que diriam à família para que apresentasse uma queixa na escola, caso um/a professor/a se assumisse homossexual. A fala a seguir elucida esta discussão:

Pesquisadora: *Se vocês soubessem que o professor ou professora é homossexual, como seria?*

Marta: *Eu acho que o comportamento dele assim, na escola, tinha que ser*

profissional. Por mim não teria nada. Eu não tenho preconceito, né. Com certeza não mudaria minha atitude com ele.

Deste modo, reafirmamos que a homofobia expressa-se de várias formas, ou seja, “há práticas homofóbicas quando temos o preconceito em suas manifestações mais sutis, e não importa como seja praticado: um simples olhar, um gesto, uma pilhéria, zombaria” (FILHO, p. 27). No entanto, quando comentávamos no grupo sobre este assunto, emergiu a seguinte fala, que exemplifica um caso de homofobia:

Pesquisadora: *E se chegasse um professor na sala de aula e, abertamente, falasse que era gay, qual seria a atitude de vocês?*

Pablo: *Eu me mataria rindo.*

Rita: *Mas não é piada nem nada dizer que é gay ou lésbica.*

Pesquisadora: *Imagina uma pessoa se “matando” de rir porque tu és heterossexual?*

Pablo: *Ah, mas eu me mataria rindo.*

No diálogo a seguir, podemos verificar que a amizade ou a aproximação de um homossexual poderia resultar em atitudes violentas, “como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais” (LOURO, 2007, p.29).

Pesquisadora: *E se teu melhor amigo te dissesse que é gay?*

Alex: *Eu cago ele a pau.*

Pesquisadora: *Tu irias deixar de ser amigo dele?*

Alex: *Eu ia. Ah, para que.*

Pesquisadora: *E se outras pessoas soubessem e tu não? A tua relação com ele iria ser a mesma?*

Alex: *Eles iam me chamar de veado, porque tava andando junto com ele. Eles iam achar que o cara ia ser parceiro.*

De um modo geral, podemos afirmar que a homofobia resulta na exclusão dos sujeitos LGBT do ambiente escolar, uma vez que muitos gestos, atitudes, palavras, que têm a pretensão de isolar, humilhar, excluir, fazem com que muitos/as adolescentes abandonem a escola. Ainda há porém, aqueles/as que se “arriscam”, se assumem e afirmam que “*também sou normal*”. Ainda sobre esta questão, Louro (2007) menciona que

a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, dessa forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos

assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do conhecimento e da ignorância (2007, p.30).

Embora a escola constitua-se em um dos espaços em que se torna difícil assumir-se homossexual, o diálogo mostra-nos que há aqueles/as que lutam por seus direitos e optam por viver “livremente” sua sexualidade, assumindo sua identidade sexual:

Pesquisadora: *Como vocês reagiriam se tivessem um/a colega homossexual, travesti, transexual, bissexual?*

Marina: *Ah, iam ficar toda hora mexendo, falando. Iam ficar falando, sabe?*

Marcos: *Pra mim iam ficar zoando até a pessoa querer sair do colégio.*

Rita: *Ah, mas é muito chato. Eu tenho experiência própria, né. É muito chato. Deixa a pessoa sentida, sentimental.¹⁶*

Pesquisadora: *Mas que tipo de coisa o pessoal faz, Rita? Piadas, comentário, o que é?*

Rita: *É, piada. Todo mundo fica rindo, cochichando. Tu sente que tão falando de ti, mas, né...*

Pesquisadora: *E com relação aos professores, tu sentiste algo que pudesse demonstrar algum preconceito por parte deles?*

Rita: *Não.*

Pesquisadora: *É mais frequente por parte dos colegas? Tu já sofreste preconceito na escola?*

Rita: *É, não vou dizer que não, esse ano né, mas eu já senti. Eu também, às vezes, fico com vergonha de entrar no banheiro feminino, sabe. Ai não sei.*

Pesquisadora: *Alguma vez, alguma menina te disse algo?*

Rita: *Não, mas ficam olhando.*

Pesquisadora: *Tu ficarias mais à vontade se o banheiro fosse unissex?*

Rita: *Ah, eu gostaria. Mas eu também fico meio constrangida em entrar num banheiro de homem, né. Não tenho nada pra ficar segurando.*

Marina: *Ontem ela foi entrar no banheiro feminino e tinha um rapaz na porta e disse: _O banheiro masculino é aqui.*

Rita: *Ah é.*

Pesquisadora: *E como é que tu te sentes em relação a isso, Rita?*

Rita: *Ah, eu não dou bola, eu entro e penso que eu sou normal e pronto.*

Pesquisadora: *Tu tens vontade de trocar o nome?*

Rita: *Não, eu me sinto bem com ele. Não, agora não. Não sei depois. Eu não fico constrangida. Eu acho que isso é normal.*

Pesquisadora: *E durante a chamada, como era quando te chamavam pelo teu nome?*

Rita: *Eu levantava a mão e ficava todo mundo: Ihhhh.*

Neste sentido, muitos têm lutado para promover a aceitação do nome social de travestis e transexuais na escola. Ser reconhecido pelo seu nome social em registros escolares, cadernos de chamada, enfim, a possibilidade de ser chamado pelo nome que deseja é uma forma de demonstrar acolhimento à diferença e esta é uma das tarefas que

deve ser exercida pela escola, e não só por ela, mas por todas as instâncias sociais. Trabalhar com a diferença, reconhecê-la, problematizá-la faz-se necessário. Isso torna-se ainda mais reforçado nas palavras de Junqueira, quando menciona que

a consolidação de um novo modelo de sociedade democrática e de educação de qualidade depende também da problematização e do enfrentamento ao sexismo, da homofobia e de seus efeitos. E isso só será alcançado se nos dedicarmos a superar nossas limitações, questionar radicalmente nossos preconceitos e promover mudanças significativas na organização da vida social e nas nossas atitudes. A escola é, sem dúvida, parte central desse processo (2007, p.7).

Partindo deste entendimento, mostrar-se resistente a esta discussão na escola colabora para a não aceitabilidade de colegas homossexuais, bissexuais, transgêneros, facilitando a afirmação de identidades homofóbicas, como podemos analisar nas narrativas seguintes:

Alex: *Eu não suporto isso: mulher com mulher e homem com homem. Ah, eu não entendo, qual é a graça homem com homem, mulher com mulher? Pra mim, homem foi feito para ficar com mulher. Pra mim é assim.*

Pesquisadora: *Mas quem é que disse que homem tem que ficar só com mulher?*

Alex: *Pra mim, na minha cabeça, tem que ser assim.*

Ricardo: *Mas eles não pensam assim, negão.*

Marina: *Na tua cabeça é assim, não na cabeça dos outros. Os outros podem pensar diferente.*

Alex: *Ah, então eu penso diferente. Bah, tá louco. Se acontece isso comigo, eu me mato.*

Pesquisadora: *E tu achas que isso não pode acontecer, de tu te interessares por outro homem um dia?*

Alex: *Ah é, eu me atiro de uma ponte.*

Pesquisadora: *O que tu farias se teu amigo te dissesse que é homossexual. Tu disseste que cagaria ele a pau, né?*

Alex: *Faria uma gang pra cagar ele a pau.*

Pesquisadora: *Tu farias uma gang, então?*

Alex: *Eu faria, para aprender a ser macho.*

Pesquisadora: *Tu achas que com violência mudaria a identidade sexual dele?*

Alex: *Ah, não sei. Pra ele aprender.*

Pesquisadora: *E tu já agrediste alguém? Por que tu falaste que iria montar uma gang?*

Alex: *Ah, mas se viesse me abraçar, eu cagava a pau. Com certeza eu cago. Mas eu nunca fiz isso.*

Pesquisadora: *Ou seja, tu aceitas, se for longe de ti. Se chegar perto de ti é violência?*

Alex: *Ah, se chegar me tocar, bah, eu não quero nem saber. Pode ser mulher, eu cago a pau. Pra mim, heterossexual é normal, mas bissexual, bichona, lésbica, pra mim, eca.*

O adolescente ainda segue expressando sua aversão em relação à homossexualidade, quando se assume homofóbico.

Pesquisadora: *Alex, diante das coisas que tu falaste, tu achas que és homofóbico?*

Alex: *Ahhhh, eu acho. Eu sou mesmo.*

Pesquisadora: *E se alguém resolvesse te denunciar por isso?*

Alex: *Ah tá. Vai dizer que pode isso?*

Pesquisadora: *Pode. Existe uma forma de denúncia, sim.*

Alex: *Tá louco, mas eu não faço nada pra ninguém. Eu só não gosto.*

Pesquisadora: *Tu já sofreste algum preconceito por tu seres negro?*

Alex: *Eu, não. Se eu sofresse, eu cagava ele a pau.*

Pesquisadora: *Pois é, então se tu um dia agredires um homossexual fisicamente, verbalmente, seja como for, ele poderá reagir também?*

Alex: *Mas isso eu nunca fiz pra ninguém.*

Pesquisadora: *E pra ti, o que resolveria juntar um monte de gente para bater nos homossexuais?*

Alex: *Para ele criar respeito.*

A afirmação da heterossexualidade, tida pela sociedade em geral como a identidade natural, a atribuição de inúmeros estereótipos à homossexualidade, bissexualidade, transgeneridade e a ausência de discussões acerca deste assunto na escola, permite que muitos adolescentes expressem seu ódio, sua aversão frente aos/às colegas, amigos/as, professores/as, como podemos perceber na narrativa apresentada.

Ainda na narrativa acima, destacamos que há uma relação entre o preconceito homofóbico e o preconceito racial, uma vez que Alex, além de se assumir homofóbico, admitiu que reagiria de forma violenta, caso sofresse preconceito por ser negro. Segundo Rios (2007, p.55), “se hoje são inadmissíveis as referências discriminatórias a negros, judeus e mulheres, ainda são toleradas, ou ao menos sobrelevadas, as manifestações homofóbicas”. Cabe destacar que, quando emergiu esta discussão nos grupos focais, salientamos aos adolescentes participantes que há um projeto de lei que visa à criminalização da homofobia, da mesma forma que o racismo, além de outras medidas que estão sendo tomadas, que visam promover o respeito aos direitos humanos LGBT.

Como forma de promover o respeito aos direitos que os cidadãos LGBT possuem na sociedade, em 2004, foi lançado o Programa Brasil Sem Homofobia, uma articulação entre o Governo Federal e a Sociedade Civil Organizada, que é um trabalho de combate à violência e à discriminação contra LGBT. No entanto, a responsabilidade pelo combate à homofobia e pela promoção da cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, não é somente deste programa. Ela se estende a todos nós

cidadãos brasileiros. Como forma de promover um contexto de aceitação e respeito à diversidade, o programa Brasil Sem Homofobia traz inúmeras medidas; e dentro do contexto em que estamos discutindo, ou seja, em relação à educação, tem como diretrizes: o apoio à educação continuada a professores na área de sexualidade; estimular a produção de materiais didáticos educativos que promovam a discussão da temática homofobia, como forma de superar tal preconceito; estimular também o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos, que tenham como objetivo o combate à violência de cidadãos LGBT; e muitas outras ações que promovam o reconhecimento da pluralidade sexual, garantindo o respeito e a aceitação da diversidade sexual e de gênero (CONSELHO, 2004).

Além disto, neste ano, foi lançado o Plano Nacional de Promoção da Cidadania de Direitos Humanos de LGBT, que é também uma ação entre o Governo Federal e a Sociedade Civil, que tem como objetivo a promoção de ações que garantam os direitos humanos de cidadãos LGBT, contribuindo para o combate à discriminação, promovendo o respeito à diversidade sexual e de gênero (BRASIL, 2009).

Contudo, além destas inúmeras ações que estão sendo desenvolvidas como forma de contribuir para o reconhecimento da pluralidade sexual e de gênero, a minimização da homofobia, cabe (re)afirmar que há a necessidade de inclusão da temática na escola, que é uma das instituições que têm apresentado casos de violência homofóbica, por parte de colegas de classe e também por parte de professores.

Cabe destacar que, ao mesmo tempo em que surgiram narrativas de adolescentes que se assumem preconceituosos, também podemos encontrar registros de adolescentes que se demonstram contra a homofobia. É o que podemos perceber na fala a seguir:

Bia: *É tanta coisa que acontece, que a gente não pode fazer, que tu se sente tão, assim. É com é que se chama? Sabe, com as mãos e os pés amarrados. Tu não pode pegar (movimenta os braços como se tivesse pegando alguém pelo “pescoço”) e dizer: Te liga, sabe. Pra quê fazer isso? Dá vontade mesmo, sabe, de sacudir e dizer pra cada um. É tanta coisa. É guerra. É tudo. Mas isso é uma coisa tão próxima, sabe. Tanta gente que morre mais que guerra, sabe. É tanta gente que morre e nada acontece. Sei lá. É feio isso. É horrível. Não sei nem que palavra usar pra definir tudo que se sente, quando a gente quer e não tem o que fazer. Só assim, né, agir. Cada um de nós ter consciência já ajuda, mas, mesmo assim.*

No entanto, isto não diminui a necessidade e urgência de tal discussão na escola, uma vez que problematizar a homofobia, discutir as múltiplas identidades sexuais e de gênero, bem como incluir a temática no currículo escolar, é fator importante para o combate à discriminação contra estudantes LGBT. A escola deve estar aberta a esta discussão, garantindo o respeito e a igualdade entre todos/as.

Algumas considerações

Ao analisar as narrativas dos/as adolescentes, percebemos que os mesmos entendem a homofobia como uma atitude excludente, presente na família, na sociedade em geral e, em especial, na escola. A constituição dos grupos focais permitiram nos problematizar a homofobia, possibilitando uma forma de desestabilizarmos os discursos e as práticas homofóbicas arraigados na sociedade e que se (re)produzem no âmbito escolar, o que foi possível perceber através da fala do adolescente que se assumiu homofóbico e ainda declarou que, se caso algum homossexual se aproximasse, ele reagiria com agressão física. Tal técnica possibilita-nos, através das discussões, maneiras dos/as adolescentes (re)pensarem as verdades produzidas sobre a sexualidade, bem como pode contribuir para desestabilizar os entendimentos que tais adolescentes possuem a respeito da homossexualidade e que contribuem para a afirmação da homofobia.

Além disto, através dos dados produzidos pelos/as adolescentes, evidenciamos que a família é uma instância que, muitas vezes, não favorece para que uma pessoa se assuma homossexual. Alguns/as adolescentes declararam que o diálogo sobre esta questão é problemático, o que faz com que muitos/as prefiram não comentar sobre sua identidade sexual com seus familiares. Além disto, alguns familiares nem sequer permitem que seus filhos tenham amizades homossexuais. Além da família, a escola é também um espaço difícil para que alguém se assuma homossexual e é nesse espaço que algumas adolescentes salientaram, durante as discussões em um grupo focal, que necessitam ser discutidas questões de sexualidade, diversidade sexual e identidades de gênero, homofobia e etc. Podemos verificar isto no diálogo abaixo:

Pesquisadora: *Vocês acham que a escola é um local propício para se discutir sobre diversidade sexual e homofobia?*

Júlia: *Tem que ser discutido, porque tem muitos que não têm essa oportunidade em casa, de discutir com o pai e com a mãe. Então eu acho que é uma coisa bem importante de ser discutido na escola.*

Natália: *Eu acho também, porque muitos filhos não falam com seus pais sobre esse assunto. Então acho que, na escola, é um outro meio de se expressar.*

Marina: *Precisa, sim, ser comentado, não só em escolas, mas em todos os lugares.*

Duda: *Acho que até de repente uma vez por mês, as professoras podiam fazer um círculo com os alunos; fazer uma palestra; falar mais. Até elas mesmo, não precisa chamar ninguém. Falar mais sobre o assunto, porque elas tão lá pra ensinar a gente e não só na matéria, matéria, matéria.*

Neste sentido, entendemos e (re)afirmamos que, devido à centralidade que a temática sexualidade tem assumido em diversas instâncias sociais e campos de saberes, torna-se importante discutir este assunto na escola, uma vez que essa instância participa na constituição dos sujeitos, produzindo identidades. Neste sentido, a inclusão desta temática no currículo escolar constitui-se como uma estratégia que pode contribuir para

a minimização dos estigmas, estereótipos e preconceitos atribuídos aos sujeitos LGBT.

A escola, por afirmar a heterossexualidade como a identidade sexual natural, acaba permitindo e fortalecendo a homofobia em seu âmbito escolar. Sendo inegável a presença de estudantes tidos como aqueles que “desviam” a norma, é papel social da escola a promoção de uma cultura de respeito a todos os sujeitos que nela convivem.

Neste sentido, promover a discussão da temática homofobia no espaço escolar é uma forma de contribuir para o reconhecimento da pluralidade sexual e de gênero, ou seja, segundo Borrillo (2001), é preciso promover ações pedagógicas contra a homofobia; porém, a “ação pedagógica deverá começar por denunciar o conjunto de códigos culturais e estruturas sociais que transmitem valores que reforçam os prejuízos e a discriminação com respeito aos *gays* e às *lésbicas*” (p. 118, tradução nossa). Além disso,

a educação relativa à luta contra a homofobia consistiria em definitivo em sensibilizar a população heterossexual de maneira que não considere sua sexualidade como indiscutível, nem seu comportamento como necessariamente compartilhada por todos, é dizer, que a educação teria por objetivo mostrar que outras formas de sexualidade podem coexistir com a sua, sem prejudicá-la ou constituir uma provocação com parte dos homossexuais (Ibid., p. 122, tradução nossa).

Para finalizar, destacamos que a nossa proposta é pensarmos o currículo escolar a partir de uma “pedagogia da diferença”, ou seja, problematizarmos a questão da diferença na escola, pois introduzir tal questão no espaço escolar é uma forma de “deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu” (PARDO *apud* SILVA, 2000, p.101).

O silenciamento destas questões no contexto escolar é uma forma de legitimar algumas identidades, afirmando a heterossexualidade como a norma, marginalizando outras (LOURO, 2007). Assim, neste estudo, buscamos “pensar a educação como produção da diferença, afastando da sexualidade o caráter de pedagogia normativa, legitimadora de uma identidade sexual hegemônica, que se pretende estável e natural” (SILVA, 2008, p.15). Promovemos assim, uma forma de aceitação do outro como legítimo outro.

Notas

¹ A expressão poder/saber é usada num sentido foucaultiano, em que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p.27).

² Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado de Deise Azevedo Longaray, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Associação ampla FURG/UFSM/UFGRS).

³ Para discussões sobre o pós-estruturalismo, ver Peters (2000).

⁴ Nessa época, o parceiro sexual ativo era aquele que penetrava. Já a posição sexual passiva faz referência àquele que era penetrado. Nesse sentido, aquele que assume a posição ativa na relação é tido como aquele que domina, que é

macho e quem assume a posição passiva passa a ser visto como o dominado, aquele que “fica por baixo”. Ver Fry e MacRae, 1991.

- ⁵ Para Foucault, “a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder [...] a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção (2001, p.62).
- ⁶ Devido ao fato de no dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde ter retirado a homossexualidade da lista das doenças, essa data foi eleita para marcar o Dia Nacional contra a Homofobia. Nesse sentido, em muitos locais do país, nesse dia, são promovidas diversas atividades a fim de lembrar e reafirmar que a homossexualidade não é uma doença, bem como evidenciar a necessidade de combater o preconceito homofóbico.
- ⁷ Segundo Silva (2000), “no contexto dos estudos culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”, um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação” (p.97). Para Hall, representação é “parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (1997, p.11)
- ⁸ Para Foucault, “deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável [...] os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras” (1988, p. 111-112).
- ⁹ Com objetivo de abranger escolas de diferentes contextos sociais, optamos por realizar a aplicação de questionários apenas em uma turma, das oito escolas participantes, sendo esta uma turma de primeiro ano do ensino médio.
- ¹⁰ Embora considerando o Estatuto da Criança e do Adolescente uma construção social, utilizamos, como base, tal produção que, segundo a Lei nº 8.069, art.2º, define adolescente como aquela pessoa que possui entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 2005).
- ¹¹ LGBT: lésbicas, bissexuais e transgêneros - travestis e transexuais, expressão geralmente usada para caracterizar os sujeitos que não se “enquadram” na categoria heterossexual imposta pela sociedade.
- ¹² Segundo Borrillo (2001), a homofobia interiorizada é o sentimento que muitos adolescentes, e também adultos, passam, por não aceitarem sua identidade sexual; seria a interiorização do preconceito, do ódio que a sociedade atribui aos sujeitos que não correspondem com a norma imposta (pela sociedade), fazendo com que muitos homossexuais, bissexuais e transgêneros lutem contra seus próprios desejos, provocando-lhes muitas vezes conflitos psicológicos graves.
- ¹³ A expressão sair do armário é usada em referência àquelas pessoas que assumem sua identidade homossexual, bissexual, transgênera. Segundo Borrillo (2001), sair do armário, manifestar publicamente sua identidade sexual, constitui um momento liberador. A decisão de sair do armário pode ser uma situação saudável, permitindo a recuperação da autoestima, por exemplo.
- ¹⁴ Por questão ética, os nomes dos/as participantes do grupo focal foram trocados para manter seu anonimato.
- ¹⁵ A notícia foi capa da Revista Época, do dia 1º de Junho de 2008. O casal Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo, ambos do exército, assumiram publicamente sua relação homossexual. O fato foi considerado como o primeiro caso de militares da ativa, do Exército Brasileiro, que, além de se assumirem, admitem ter uma relação estável. Os militares denunciaram o hospital militar por corrupção e, em maio desse mesmo ano, o sargento De Araújo (Laci) foi considerado desertor (por ter sido transferido para Osasco em São Paulo e não ter se apresentado) e a justiça militar decretou prisão ao mesmo, o que poderá ocasionar em expulsão do exército. Ver a notícia completa no site: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI5020-15204,00-ELES+SAO+DO+EXERCITO+ELES+SAO+PARCEIROS+ELES+SAO+GAYS.html>. Acessado em 21 de agosto de 2009.
- ¹⁶ Adolescente que assumiu sua identidade homossexual na escola e também durante os encontros do grupo focal em que participou.

Referências

- BORRILLO, D. 2001. *Homofobia*. Paris: Presses Universitaires de France.
- BRASIL. 2005. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*;

- Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS.
- BRASIL. 2009. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Plano Nacional de Promoção da cidadania e Direitos Humanos de LGBT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais*. Brasília.
- CECHIN, A. F. 2006. *Vivências em espaços educativos: constituição de identidades homossexuais em homens adultos*. Tese de doutorado: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=366.
- CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. 2004. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, p.1-32.
- COSTA, M. V.(Org.). 2004. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- COSME, J. A. G., SÁNCHEZ, G. D., TAPIA, J. M. M. 2006. Homofobia y salud. In: *Revista Salud y problema*. Nueva época. Año 11/ezemplar doble. Número 20/ Enero-Junio de 2006, Julio-diciembre de 2006. Universidad Autónoma Matroplitana- Xochimilco.
- DIAS, Maria Berenice. 2000. *União homossexual: o preconceito & a justiça*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins. 2007. *Muito prazer, sou Cellos, sou de luta: a produção da identidade ativista homossexual*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande.
- FELIPE, J., BELLO, A. T. 2009. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 141-157.
- Filho, A. S. 2007. A resposta gay. In: Júnior, F. O. B., Lima, S. O. (orgs). *Homossexualidades sem fronteiras: olhares*. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, p. 11-36.
- FOUCAULT, M. 1988. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro: edições Graal.
- _____. 1996. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola.
- _____. 1999. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 2001. *Os anormais: curso Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes. Coleção Tópicos.
- FRY, P. e MacRAE, E. 1991. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense. 7ª edição.
- GATTI, B. A. 2005. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro.
- GONDIM, S. 2003. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, p. 149-161.
- HALL, S. 1997. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi.
- JUNQUEIRA, R. D. 2007. Por uma pedagogia da diversidade de corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F. da; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (orgs). *Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências*, p. 7-13. Rio Grande: FURG.
- _____. 2009. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 13-51.
- _____. 2009. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do _____. liberal. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada,

- Alfabetização e Diversidade, p.367-444.
- _____. 2007. *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas*. http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf.
- _____. 2008. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de todos. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P (orgs). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. 2ª edição revisada e ampliada. Rio Grande: Furg.
- KATZ, J. N. 1996. *A invenção da heterossexualidade*. Prefácio Gore Vidal; tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro.
- LANASPA, Jesús Generelo e GALÁN, José Ignacio Pichardo. 2005. *Homofobia en el sistema educativo*. COGAM. Comisión de Educación.
- LANASPA, J. G.; GALÁN, J. I. P. e GARRETA, G. G. 2006. *Adolescencia y sexualidades minoritarias: voces desde la exclusión*. Comisión Educación COGAM.
- LOURO, G. L. 1997. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. 2000. *Currículo, gênero e sexualidade*. Portugal: Porto Editora.
- _____. 2003. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: Louro, G. L., Felipe, J., Goellner S. V. (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*, p.41-52.
- _____. 2007. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes *et al* (org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. 2009. Heteronormatividade e Homofobia. In: Junqueira, R. D. (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 85-93.
- MISKOLCI, Richard. 2007. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, nº 28 (Jan/Jun de 2007). http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100006&script=sci_arttext.
- PETERS, M. 2000. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica.
- QUADRADO, R. P. 2007. Adolescência como construção sócio-cultural e história. In: RIBEIRO, P. R. C.; Quadrado, R. P. (orgs). *Corpos, Gênero e Sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. Caderno Pedagógico – Séries Finais. Rio Grande: FURG, p. 10-14.
- RANGEL, R., AZEVEDO, S. 2008. *Eles são do exército. Eles são parceiros. Eles são gays*. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI5020-15204,00-ELES+SAO+DO+EXERCITO+ELES+SAO+PARCEIROS+ELES+SAO+GAYS.html>
- RIBEIRO, P.R.C. 2002. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RIOS, R. R. 2007. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JÚNIOR, F. O. B., LIMA, S. O. (orgs). *Homossexualidades sem fronteiras: olhares*. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, p. 37-78.
- SAGGESE, G. S. R. 2008. *Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais*. http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf.
- SEDGWICK, E. K. 2007. *A epistemologia do armário*. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>.
- SIERRA, S. C. 2002. Homofobia e masculinidade. *El cotidiano*, mayo-junio, año/vol.18, numero113. Universidad Autónoma Metropolitana – Azcapotzalco. Distrito Federal, México, p.8-14.
- SPARGO, T. 2004. *Foucault y la teoria queer*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- SILVA, T. T. da. 1995. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. *Alienígenas na*

- sala de aula*. Petrópolis, Vozes, p. 190-207.
- _____. 2000. *A teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo horizonte: Editora Autêntica.
- _____. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. 2004. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- SILVA, A. F. 2008. *Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Educação, Pelotas/ RS.
- SILVA, M. A. 2005. *Este corpo não te pertence! Algumas reflexões sobre saúde e doença na modernidade – O caso do “Homossexualismo”*. <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/este-corpo-nao/este-corpo-nao.shtml>.
- VEIGA-NETO, A. 2004. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 37-72.
- WEEKS, J. 2007. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- WELZER-LANG, D. 2001. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, ano 9, v.2, 2001. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>.
- WOODWARD, K. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. . In: Silva, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

Correspondência

Deise Azevedo Longaray – Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil.
E-mail: deiselongaray@yahoo.com.br

Paula Regina Costa Ribeiro – Professora Associada do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil.
E-mail: pribeiro@vetorial.com

Fabiane Ferreira da Silva – Professora da Unipampa e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil.
E-mail: fabiquimica23@yahoo.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização das autoras.
